

**ESPECIFICIDADES DA SOCIEDADE  
AÇUCAREIRA: CAMPINAS NO CONTEXTO  
DO QUADRILÁTERO PAULISTA (1836)**

**Carlos Eduardo Nicolette**

Mestrando em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos de Almeida Prado Bacellar.

E-mail: [carlos.nicolette@usp.br](mailto:carlos.nicolette@usp.br)

**Felipe Rodrigues Alfonso**

Doutorando em História pela Graduate School of Arts and Sciences da Harvard University.

E-mail: [felipe.rodrigues.alfonso@gmail.com](mailto:felipe.rodrigues.alfonso@gmail.com)

**ESPECIFICIDADES DA SOCIEDADE AÇUCAREIRA: CAMPINAS NO CONTEXTO DO QUADRILÁTERO PAULISTA (1836)****SPECIFICITIES OF THE SUGAR SOCIETY: CAMPINAS IN THE CONTEXT OF THE QUADRILÁTERO PAULISTA (1836)**

Carlos Eduardo Nicolette

Felipe Rodrigues Alfonso

**RESUMO**

Ao longo da primeira metade do longo século XIX, o parque produtivo açucareiro – voltado ao abastecimento do mercado internacional de artigos tropicais – do chamado Quadrilátero do Açúcar passou por um processo de montagem (c. 1790), expansão (c. 1790-1830) e declínio (c. 1830-50). Visto que condicionado por questões não apenas globais, mas também locais, esse processo acabou por se desenrolar diferentemente em cada vila paulista. A despeito dessas singularidades, porém, estudos recentes com as Listas Nominativas de Habitantes levaram os autores deste trabalho a levantar a hipótese de que o caso de Campinas poderia ser considerado, de fato, como *sui generis*, e que sua produção açucareira possuiria especificidades em relação às das demais vilas do Quadrilátero. O objetivo, assim, é analisar as respostas particulares de Campinas em relação ao aumento do preço dos cativos na década de 1830, especialmente com a documentação de 1836. O presente trabalho é um esforço para lançar apontamentos a respeito desse tema, de modo a não apenas a colocar o assunto à prova como também entender sua natureza.

**PALAVRAS-CHAVE:** Engenhos de açúcar; Campinas; Especificidade; Quadrilátero do Açúcar; Listas Nominativas de Habitantes.

**ABSTRACT**

Throughout the first half of the nineteenth century, the sugar production park – aimed at supplying the international market of tropical articles – of the so-called *Quadrilátero do Açúcar* went through a process of establishment (c. 1790), expansion (c. 1790-1830) and decline (c. 1830-50). Insofar as conditioned by not only global, but also local matters, this process turned out to be different in each São Paulo village. Despite these singularities, however, recent studies of the Nominative Lists of Inhabitants led us to suggest the hypothesis that the case of Campinas could indeed be considered as *sui generis*, and that its sugar industry would hold specificities in relation to the other villages of the *Quadrilátero*. This work is an effort to discuss this hypothesis, in order not only to put it to the test but also to understand its nature.

**KEY WORDS:** Sugar mills; Campinas; Specificity; *Quadrilátero do Açúcar*; Nominative Lists of Inhabitants.

## 1. INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

Em 1968, Maria Thereza Petrone publicou *A lavoura canavieira em São Paulo*, sua mais importante contribuição para a historiografia sobre o tema e considerado hoje um clássico. O livro se tornou célebre ao demonstrar o impacto duradouro do cultivo de cana-de-açúcar sobre o panorama socioeconômico paulista, gerado pela correlação entre infraestrutura administrativa, alargamento do parque produtivo e acúmulo de capitais (PETRONE, 1968).

Em virtude da escala de análise adotada, há, no livro, poucas considerações sobre o desenvolvimento específico de cada região ao longo desse processo. Uma dessas considerações, porém, merece destaque: trata-se da que ressalta o desenvolvimento singular do parque produtivo açucareiro de Campinas no contexto do Quadrilátero do Açúcar<sup>2</sup>. Nas palavras de Petrone, “desde o começo do século [XIX], houve um progresso muito grande em Campinas, progresso esse que, de maneira alguma, pode ser comparado ao de qualquer outra localidade, nem mesmo ao da tradicional terra açucareira de Itu” (PETRONE, 1968, p. 46). Ainda que se tenham transcorrido cinco décadas dessa consideração, os múltiplos aspectos que provavelmente compõem a referida singularidade foram pouco contemplados pela historiografia sobre Campinas. Decerto, muito se avançou na compreensão da experiência campineira. Resta, porém, colocá-la em perspectiva comparada às dos demais distritos do Quadrilátero.

É justamente essa a lacuna historiográfica que impulsionou o escopo do presente trabalho. A fonte-base foi o “Quadro Estatístico de 1836”, construído, à época, por Daniel Pedro Müller. Os dados de Müller foram compilados e organizados por Maria Bassanezi numa coletânea chamada *Dados demográficos: São Paulo do passado*, sendo essa a referência que foi utilizada neste texto.

---

<sup>1</sup> Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo pelo financiamento do processo n.º 2018/05314-7, que tem seus resultados parcialmente expostos no presente artigo. Também agradecemos a todos do grupo CEDHAL/USP, os pareceristas do artigo e os membros da Revista Bilros pelos comentários sobre a versão inicial do presente texto.

<sup>2</sup> Não há, na historiografia, um consenso sobre os distritos que compõem o Quadrilátero. Caio Prado Júnior propôs como vértices Mogi-Guaçu, Jundiaí, Porto Feliz e Piracicaba (PRADO JÚNIOR, 1981, p. 81). Petrone, por outro lado, preferiu Sorocaba à Porto Feliz, argumentando que, dessa maneira, Itu e outras importantes regiões açucareiras poderiam ser devidamente enquadradas (PETRONE, 1968, p. 24). Neste trabalho, porém, optou-se pela sugestão de Carlos Bacellar por se desconsiderar Sorocaba, vista a reduzida dimensão da produção açucareira do distrito (BACELLAR, 2001, p. 122). Aqui, entende-se o Quadrilátero como sendo composto por Campinas, Capivari, Itu, Jundiaí, Mogi-Mirim, Piracicaba e Porto Feliz. O critério escolhido foi, basicamente, o do volume da produção açucareira em 1836.

Vale ressaltar que este artigo faz parte de um estudo mais amplo, cujo intuito é compreender as dinâmicas da sociedade e economia escravistas em Campinas no período de montagem e expansão de seu parque produtivo açucareiro (décadas de 1770-1830). Ao longo desse estudo, observou-se a existência de alguns pontos-chave de inflexão na história da região, condicionados por uma série de transformações locais e globais:

(i) no último quartel do setecentos, em que o esgotamento das minas de ouro e as revoluções atlânticas levaram o Império português a promover uma nova política de incentivos à agricultura colonial, iniciando, em São Paulo, a montagem de uma incipiente infraestrutura econômica;

(ii) na década de 1790, em que a Revolução de Saint-Domingue provocou uma ampla reconfiguração do mercado internacional de artigos tropicais, permitindo o desenvolvimento da capacidade ociosa do parque produtivo paulista;

(iii) na década de 1830, em que a proibição do tráfico transatlântico de escravizados no Brasil encareceu a aquisição de africanos, obrigando os senhores de engenho paulistas a repensarem suas estratégias de investimento e de manejo da mão de obra;

(iv) entre as décadas de 1830-40, em que o domínio de Cuba sobre o fornecimento internacional de açúcar afetou o parque produtivo açucareiro de São Paulo, fazendo com que os distritos do Quadrilátero passassem ou a abastecer de açúcar cada vez mais o mercado paulista ou – como no caso de Campinas – a combinar as culturas do açúcar e do café, vislumbrando neste último gênero uma possibilidade de se manter presente no mercado internacional de artigos tropicais;

(v) na década de 1850, em que a Lei Eusébio de Queiroz foi assinada, estimulando um movimento migratório de escravizados do Nordeste em direção ao Centro-Sul e, em última instância, contribuindo para o estabelecimento gradual da mão de obra livre na produção agrícola.

Isso posto, o objetivo do presente artigo é analisar as respostas particulares de Campinas a um desses pontos de inflexão, especificamente o referente a década de 1830. Embora os distritos que compunham o chamado Quadrilátero do Açúcar tenham sido afetados de maneira semelhante por esse quadro, observou-se quatro principais aspectos que singularizam a experiência de Campinas. São eles: (i) o perfil demográfico da população cativa; (ii) a combinação entre as culturas do açúcar e do café; (iii) a combinação entre culturas de exportação e alimentos; (iv) a concentração fundiária.

**2. QUATRO ASPECTOS DA ESPECIFICIDADE DE CAMPINAS****2.1. PERFIL DEMOGRÁFICO DA POPULAÇÃO CATIVA**

Desde o último quartel do século XVIII, desenvolveu-se no Quadrilátero o que se tornaria, no transcurso de meio século, um parque produtivo açucareiro maduro. Em 1836, os setes distritos que compunham a região foram responsáveis por 96,5% da produção paulista de açúcar (Tabela 1). A demanda da lavoura canavieira por quantidades elevadas de mão de obra fazia com que a população do Quadrilátero fosse composta por muitos escravizados: 39,7% do cômputo da população total, bem acima da média de 28,1% do restante da província (Tabela 1).

**Tabela 1 – Produção de açúcar e representatividade da população cativa no cômputo da população total (1836)**

<b>Unidade</b>	<b>Açúcar (@) %</b>	<b>População cativa relativa %</b>
Quadrilátero do Açúcar	96,6	39,7
Restante da província de São Paulo	3,4	28,1

Fonte: BASSANEZI, 1998, Tabela 1b (p. 30) e Quadro 9b (p. 157).

Tratando-se de parques produtivos semelhantes, seria esperado das populações escravizadas dos distritos do Quadrilátero que partilhassem de um mesmo padrão demográfico. Entretanto, identificou-se dois, bem distintos entre si. De um lado, as populações cativas de Capivari, Itu, Piracicaba e Porto Feliz eram relativamente jovens e possuíam razões de sexo que pendiam fortemente para o sexo masculino: em média, 23 anos e 169, respectivamente (Tabela 2). De outro, as populações cativas de Campinas, Jundiaí e Mogi-Mirim eram um pouco mais velhas e com razões de sexo equilibradas: em média, 30 anos e 99, respectivamente.

**Tabela 2 – Idades média e mediana, e razão de sexo da população escravizada. Distritos do Quadrilátero do Açúcar (1836)**

Vila	Média	Mediana	Razão de sexo
Capivari	22	22	164
Itu	25	24	155
Piracicaba	22	22	184
Porto Feliz	24	23	175
Campinas	29	28	99
Jundiaí	34	31	99
Mogi-Mirim	27	27	99

Fonte: BASSANEZI, 1998, Tabela 7 (p. 43) e Tabela 17a (p. 68).

De acordo com Francisco Luna e Herbert Klein, este último padrão era típico de regiões maduras, cujo desgaste ambiental desestimulava a grande importação de escravizados em idade produtiva. Com o passar do tempo, o crescimento vegetativo dessas populações cativas reduzia suas taxas de africanidade e idades médias por cativo, assim como estimulavam um maior equilíbrio na razão de sexo (LUNA; KLEIN, 2009, p. 97-98). Foi o caso de Vassouras/RJ, por exemplo (SALLES, 2008, p. 250-54).

Na ausência de dados que apontem para um possível desgaste da paisagem produtiva de Jundiaí e de Mogi-Mirim, acredita-se que o padrão demográfico de suas populações escravas possa ser explicado, inicialmente, por questões de fundo econômico. Em 1836, Jundiaí se destacou por alocar pouca mão de obra cativa na produção de açúcar (5,7 arrobas por trabalhador, em comparação às 40,4 da líder paulista Campinas). Mogi-Mirim, por sua vez, apesar de alocar mais braços nessa atividade (29,1 arrobas por trabalhador; Tabela 3), possuía uma população escravizada relativa reduzida para os padrões paulistas (14,39% do cômputo da população total; Tabela 4) e concentrava seus esforços produtivos no cultivo de alimentos, apresentando as maiores cifras absolutas<sup>3</sup> do Quadrilátero para os cultivos de milho e de arroz (353.707 e 8.668, respectivamente; Tabela 3).

<sup>3</sup> Considerando-se que os alimentos eram produzidos também por mão de obra livre, o dado sobre alocação de mão de obra cativa nesse tipo de atividade se mostra irrelevante. Daí a necessidade de se utilizar as cifras absolutas.

**Tabela 3 – Escravaria total, produção alimentos, açúcar e alocação de mão de obra no Quadrilátero Paulista (1836)**

<b>Distritos</b>	<b>Cativos (nº total)</b>	<b>Milho (alq.)</b>	<b>Feijão (alq.)</b>	<b>Arroz (alq.)</b>	<b>Açúcar (@)</b>	<b>Alocação de mão de obra no açúcar (%)</b>
Campinas	3.917	96.786	21.015	3.672	158.447	40,4
Capivari	1.740	49.768	9.987	3.319	52.193	30
Itu	5.433	49.768	9.987	3.319	91.965	16,9
Jundiaí	2.051	77.099	4.520	2.843	11.800	5,7
Mogi-Mirim	1.393	354.707	12.558	8.668	40.520	29,1
Piracicaba	3.483	331.498	13.180	6.422	115.609	33,2
Porto Feliz	4.171	20.180	1.027	468	73.113	17,5

Fonte: BASSANEZI, 1998, Tabela 1a (p. 29) e Quadro 9b (p. 157).

Campinas, em particular, superava todos os distritos considerados por Müller: 58,6% de sua população era composta por escravizados (Tabela 4). E não por acaso, visto que Campinas era também o maior produtor de açúcar da província: 158.447 arrobas, quase um terço (28,1%) da produção paulista (Tabela 3).

O caso de Campinas é, portanto, singular neste quadro. Tratando-se do maior centro açucareiro da província, seria esperado que o padrão demográfico de sua população cativa seguisse o que se observou em Capivari, Itu, Piracicaba e Porto Feliz. Entretanto, sua população escravizada era, dentre os 40 distritos considerados por Müller, a segunda mais velha (idade média: 29 anos; idade mediana: 28; Tabela 2) e a mais equilibrada entre os sexos, apresentando uma razão que pendia levemente para o feminino (99,3; Tabela 2).

**Tabela 4 – Representatividade das populações livre e cativa no cômputo da população total. Distritos do Quadrilátero do Açúcar (1836)**

Vilas	População livre (%)	População cativa (%)	Total (%)
Campinas	41,4	58,6	100
Capivari	49,4	50,6	100
Itu	51,3	48,7	100
Jundiaí	65,1	34,9	100
Mogi-Mirim	85,6	14,4	100
Piracicaba	66,1	33,9	100
Porto Feliz	63,1	36,9	100

Fonte: BASSANEZI, 1998, Tabela 1b (p. 30).

A especificidade de Campinas em relação às idades fica ainda mais evidente quando se analisa a concentração de escravizados por faixa etária. Campinas apresentava uma distribuição quase equivalente entre as idades de 0-39 anos (Tabela 5). Nos demais distritos do Quadrilátero, embora as proporções entre as faixas etárias não fossem tão discrepantes quanto em alguns distritos do Vale do Paraíba paulista – sobretudo Bananal –, havia um desequilíbrio maior que em Campinas (Tabela 5).

O que indicam esses dados demográficos da população escravizada campineira? Será que, de fato, Campinas estava se tornando uma região madura, nos termos de Luna e Klein? De fato, os inventários *post-mortem* de Campinas entre 1826-35 apontam para um envelhecimento da população cativa em relação aos decênios anteriores (PIROLA, 2005, p. 61-62). Entretanto, não parece ser o caso desse envelhecimento representar o amadurecimento do parque produtivo açucareiro do distrito. Afinal, o ano de 1836 é, nas palavras de Petrone, “o período de apogeu da produção açucareira de Campinas” (PETRONE, 1968, p. 46). Além disso, Capivari, Itu, Piracicaba e Porto Feliz, que construíram seus parques industriais açucareiros na mesma época que Campinas, não partilhavam desse pretense amadurecimento. Até o momento, portanto, os dados de Müller criaram uma aparente contradição. Para avançar, será preciso recorrer a outras análises.



**Tabela 5 – Distribuição da população cativa segundo grupo de idade.  
Distritos do Quadrilátero do Açúcar e província de São Paulo (1836)**

<b>Distrito</b>	<b>0-9</b>	<b>10-19</b>	<b>20-29</b>	<b>30-39</b>	<b>40-49</b>	<b>50-59</b>	<b>60-69</b>	<b>70-79</b>	<b>80-89</b>	<b>90-100</b>
Bananal	8,4	41,6	40	5,5	2,1	0,9	0,6	0,2	0,1	0,4
Campinas	18,1	16,3	17,5	19,7	13,1	8,5	4,7	1,3	0,2	0,2
Capivari	20,4	24,4	27,9	16,0	6,5	3,5	0,8	0,2	0	0
Itu	16,4	21,6	27,1	18,3	11,5	3,4	1,1	0	0,2	0,1
Jundiá	12,3	12,1	22,1	21,7	10,3	8,1	6,6	5,7	0,5	0,3
Mogi Mirim	20,3	17,2	21,4	15,2	12,9	7,3	3,8	0,8	0,5	0,2
Piracicaba	20,7	21,7	32,3	15,0	7,1	2,3	0,2	0,4	0,1	0,1
Porto Feliz	20	17,7	33,1	15,9	7,3	4,1	1,1	0,3	0,07	0,1
Província de São Paulo	20,4	23,5	25,8	14,9	8,1	4,1	1,9	0,8	0,2	0,2

Fonte: BASSANEZI, 1998, Tabela 18c (p. 72).

De acordo com Robert Slenes, a concentração de grandes contingentes escravizados em propriedades rurais contribuía para o aumento do número de casamento e para a formação de famílias nucleares entre eles. Segundo o recorte de posse utilizado pelo autor, fazendas com mais de 10 escravizados possuíam, em 1829, uma taxa de nupcialidade superior às de fazendas com pequenas escravarias (Tabela 6).

**Tabela 6 – Casados e viúvos como percentagem de cativos de 15 anos ou mais. Campinas (1829)**

<b>Tamanho do fogo/posse</b>	<b>Homens com mais de 15 anos</b>	<b>Mulheres com mais de 15 anos</b>
1-9 escravizados	20%	31,4%
+ de 10 escravizados	23,4%	60,2%

Fonte: SLENES, 1999, p. 75.

Os estudos de inventários *post-mortem* por Cristiany Rocha complementam a tese de Slenes. De acordo com a autora, houve, entre 1838-48, uma tendência das famílias livres de Campinas em não separar os núcleos familiares de seus escravizados – sobretudo os casais

– na partilha de bens do inventariado. Das 42 famílias cativas arroladas para esse decênio, somente três foram separadas no ato da partilha (Tabela 7).

**Tabela 7 – Destino das famílias cativas. Campinas (1838-48)**

Ano de abertura dos inventários	N.º de escravizados partilhados	N.º de famílias presentes nas partilhas	Famílias que permaneceram unidas	
			N.º	%
1838	1.236	15	13	86,7
1844	21	4	4	100
1846	64	9	9	100
1848	134	14	13	92,9

*Fonte: ROCHA, 2006, p. 188.*

A associação entre os dados de Müller, e as descobertas de Slenes e Rocha apontam para uma maior estabilidade da população cativa na Campinas da década de 1830. É possível que essa estabilidade fosse, inclusive, uma estratégia senhorial. Mais ainda: uma estratégia senhorial paulista. Ainda de acordo com Slenes, em São Paulo, mais que no Rio de Janeiro, havia um “clima ideológico” que estimulava os proprietários rurais com mais de 10 escravizados a incentivar o casamento religioso e a formação de famílias nucleares entre seus escravizados (SLENES, 1999, p. 90-92). Daí não se ver uma tal estabilidade em distritos como Bananal, por exemplo. E o fato de Campinas possuir a maior população cativa relativa da província a tornava mais sensível a esse fenômeno. Resta saber os motivos que estariam levando os proprietários campineiros a buscar a estabilidade de suas escravarias. Para tentar responder a essa pergunta – e mesmo testar a hipótese –, serão necessários estudos longitudinais das Listas Nominativas de Habitantes de 1836 dos distritos do Quadrilátero, e, preferivelmente, de toda a província.

## 2.2 COMBINAÇÃO ENTRE AS CULTURAS DO AÇÚCAR E DO CAFÉ

Na década de 1790, o levante de escravizados em Saint-Domingue levou a colônia francesa ao desmonte de sua economia açucareira e a uma redução drástica na produção de café. A saída desse que vinha sendo o maior fornecedor do globo de ambos os gêneros permitiu a diversas regiões das Américas expandir seu parque produtivo, realocar seus capitais em outras atividades e/ou explorar sua capacidade ociosa. Dentre as regiões com

capacidade ociosa e uma nascente economia escravista se encontravam o Oeste Paulista e o Vale do Paraíba, onde ainda a infraestrutura agrícola era incipiente e os fatores de produção, pouco expressivos.

Representando os processos históricos distintos pelos quais passaram as duas regiões, Campinas e Areias chegaram a 1836 como os maiores produtores de açúcar e de café de São Paulo: 158.447 e 102.797 arrobas, respectivamente. Mais do que processos históricos distintos, há, ainda, uma diferença qualitativa de fundo: enquanto Campinas produziu também café (8.081 arrobas), a produção açucareira de Areias foi nula. Os distritos que, como Campinas, produziram ambos os gêneros, não fugiram tanto à regra: 18, dos 40 considerados por Müller. Dentre eles, 10 produziram mais açúcar e oito, mais café.

No entanto, se 17 outros distritos também apresentaram produções de ambos os gêneros, o que tornaria o caso de Campinas digno de nota? Ainda mais tendo em vista que a contagem de arrobas do grão campineiro figura em nono lugar, muito distante daquela de Bananal e de Pindamonhangaba, por exemplo. Acredita-se que a resposta esteja na compreensão conjunta dessas duas atividades: indústria açucareira e lavoura cafeeira. Dentre os distritos que produziram mais açúcar que café, Campinas lidera isoladamente, apresentando quase tantas arrobas do grão quanto a somatória dos nove restantes: 8.081 e 9.948, respectivamente. Dentre os que produziram mais café que açúcar, constata-se produções de açúcar extremamente reduzidas. Os casos mais extremos sendo, não por acaso, os de Bananal e Pindamonhangaba: 62.628 arrobas de café para somente 100 de açúcar, e 64.822 para 510, respectivamente. Campinas foi, portanto, o distrito que promoveu, em maior escala, uma combinação entre ambas as culturas.

É possível que essa combinação fosse uma resposta dos senhores de engenho aos estímulos do mercado internacional. Entre os anos de 1818-1824, os valores médios pagos aos produtores paulistas pela arroba de café foram muito superiores aos pagos pela de açúcar. E apesar desse desbalanço datar de fins do setecentos, naqueles seis anos as vantagens comparativas entre os valores de venda ficaram ainda mais evidentes (LUNA; KLEIN, 2001). Em Campinas, o impacto desse período pode ser ilustrado por dois estudos de caso. O primeiro, do Coronel Francisco Egídio de Sousa Aranha. Em algum momento entre 1818-20, Francisco Egídio plantou pés de café em sua propriedade Mato Dentro, dando início, assim, à primeira experiência mercantil bem-sucedida do distrito com o cultivo do grão (ALFONSO, 2018, p. 113). O segundo, do Tenente José Ferraz Rodrigues do Amaral, falecido em 1819.

Nas prestações de contas anexas ao seu inventário, estão contidos os valores, ano a ano, pagos pela arroba do açúcar do engenho Sete Quedas. A instabilidade dos valores de venda do açúcar talvez explique a decisão de alguns produtores por iniciar uma segunda cultura de exportação. Nesse sentido, talvez não seja por acaso que a filha de José, Teresa Miquelina do Amaral, tenha-se tornado, na década seguinte, uma das primeiras cafeicultoras de Campinas (Tabela 9).

**Tabela 8 – Produção de açúcar e de café. Distritos de São Paulo (1836)**

<b>Distrito</b>	<b>Açúcar (@)</b>	<b>Café (@)</b>
Areias	0	102.797
Bananal	510	64.822
Campinas	158.447	8.081
Capivari	52.193	310
Itu	91.965	1.052
Jacareí	0	54.004
Jundiaí	11.800	1.276
Lorena	1.000	33.649
Mogi-Mirim	40.520	610
Pindamonhangaba	100	62.628
Piracicaba	115.609	4.699
Porto Feliz	73.113	990
Santana de Parnaíba	680	55.000
Demais distritos	17.171	197.731
<b>Total</b>	<b>563.108</b>	<b>587.649</b>

Fonte: BASSANEZI, 1998, Quadro 9b (p.157).

Ainda que considere Campinas como o distrito que promoveu, em maior escala, uma combinação entre as culturas do açúcar e do café, deve-se relativizar esse argumento por meio de uma comparação com o caso de Piracicaba. Em 1836, esse distrito esteve logo na

sequência da líder Campinas, tendo produzido as segundas maiores cifras de açúcar da província e de café do Quadrilátero: 115.609 e 4.699 arrobas, respectivamente (Tabela 8). Assumindo-se que a população de Piracicaba era pouco menor que a de Campinas (3.917 e 3.483, respectivamente), e que tanto açúcar quanto café estavam sendo cultivados pelo braço cativo, conclui-se não haver diferenças significativas, em termos qualitativos, entre o processo de combinação realizado em ambos os distritos.

**Tabela 9 – Valores anuais pagos pela arroba de açúcar.  
Tenente José Ferraz Rodrigues do Amaral (1820-24)**

Ano	Valor (em réis/arroba)
1820	1.096
1821	844
1822	456
1823	482
1824	946

Fonte: ALFONSO, 2018, p. 97.

É possível, porém, que os passos seguintes desta pesquisa apontem novos caminhos interpretativos. Afinal, acredita-se que, diferentemente da produção cafeeira de Campinas, a de Piracicaba não estaria sendo efetuada primordialmente pelo braço cativo. Acredita-se que, neste último distrito, haveria uma participação maior de pequenos agricultores livres no cultivo de café. Essa hipótese surgiu de uma análise do Quadro Estatístico de 1854, em que se pode ler a quantidade de escravizados empregados nas fazendas cafeeiras de cada distrito do Quadrilátero. Em Campinas, a média de escravizados por fazenda foi de 34, enquanto em Piracicaba, 20 (MELO, 2009, p. 93). Apesar de se tratar de uma fonte que foge ao recorte temporal aqui empregado, a hipótese será futuramente colocada a prova por meio de uma análise das Listas Nominativas de Habitantes de 1836 de ambos os distritos.

### 2.3. COMBINAÇÃO ENTRE CULTURAS DE EXPORTAÇÃO E ALIMENTOS

Um dos argumentos de Francisco Luna e Herbert Klein sobre a economia paulista, entre 1750-1850, diz respeito à combinação entre culturas de exportação e alimentos. De acordo com essa tese, o desenvolvimento das culturas canavieira e cafeeira em São Paulo teria estimulado o crescimento da produção e comercialização de gêneros alimentícios (LUNA;

KLEIN, 2005, p. 18). Dentre eles, nas palavras dos autores, “nenhum foi mais onipresente ou importante do que o milho”. Em uma de suas visitas ao Oeste Paulista, o oficial militar alemão Friedrich von Weech chegou a associar a importância do gênero para as zonas temperadas do Brasil à da mandioca para as zonas mais tropicais do país. Parte da produção campineira de milho era consumida domesticamente, enquanto o restante, destinado ao mercado paulista, podendo ser comercializado diretamente ou vendido como ração animal. Neste último caso, era costumeiramente dado aos porcos, participando indiretamente da fabricação de toucinho – outro importante produto da província – e às mulas, vitais à rede de transportes (LUNA; KLEIN, 2005, p. 120-22).

**Tabela 10 – Produção de aguardente e alimentos (milho, feijão e arroz). Distritos da província de São Paulo (1836)**

<b>Distrito</b>	<b>Aguardente (canadas)</b>	<b>Arroz (alq.)</b>	<b>Feijão (alq.)</b>	<b>Milho (alq.)</b>
Areias	1.520	17.000	14.673	54.892
Bananal	0	16.931	9.674	34.534
Campinas	7.399	3.672	21.015	96.786
Capivari	490	3.319	9.987	49.768
Itu	5.071	3.319	9.987	49.768
Jacareí	0	65.970	28.036	1.071.400
Jundiaí	2.136	2.843	4.520	77.099
Lorena	0	16.605	10.136	60.268
Mogi-Mirim	2.312	8.668	12.558	354.707
Pindamonhangaba	406	1.241	8.206	34.528
Piracicaba	1.078	6.422	13.180	331.498
Porto Feliz	560	468	1.027	20.180
Santana de Parnaíba	413	972	2.306	18.142
Demais distritos	19.796	172.362	81.815	1.267.380
<b>Total</b>	<b>41.181</b>	<b>319.792</b>	<b>227.120</b>	<b>3.520.950</b>

Fonte: BASSANEZI, 1998, Quadro 9b (p. 157).

Para Luna e Klein, portanto, as economias escravistas das vilas de São Paulo estariam baseadas na relação direta entre açúcar, escravizados e mantimentos – assim como posteriormente estaria entre café, escravizados e mantimentos –, no qual o milho figuraria como o principal gênero alimentício. Seguindo-se a tese à risca, seria esperado que o distrito com a maior produção de açúcar fosse também aquele com a maior produção de milho. Em

1836, a produção campineira de açúcar, café e aguardente – os três principais gêneros de exportação para o mercado internacional de artigos tropicais – foi a maior do Quadrilátero, estando, nos três casos, muito à frente do segundo colocado. Quanto à produção de milho, porém, manteve-se consideravelmente abaixo de Mogi-Mirim e Piracicaba (Tabela 10). Como explicar, portanto, que o maior produtor de gêneros de exportação do Quadrilátero não produzia tanto milho quanto se poderia esperar? Acredita-se que a resposta esteja, sobretudo, na concentração fundiária em Campinas. Como esta última questão constitui, ela própria, um dos quatro aspectos da especificidade de Campinas, o item seguinte funcionará, igualmente, como um desenvolvimento deste.

#### 2.4. CONCENTRAÇÃO FUNDIÁRIA

De acordo com Carlos de Almeida Prado Bacellar, eram poucos os senhores de engenhos do Oeste Paulista que, até a primeira metade do oitocentos, possuíam mais de uma propriedade rural. O autor afirma, ainda, que a maioria dispunha somente de terras para alocar máquinas, canaviais, matas fornecedoras de lenha e, por vezes, uma residência. Dentre aqueles poucos senhores de engenho, a segunda propriedade rural poderia ser vizinha – funcionando como um complemento da primeira para (pasto, lenha, canaviais) – ou afastada – funcionando como um segundo engenho ou à espera de benfeitorias. Neste último caso, a propriedade afastada situava-se, geralmente, mais próxima ao que Pierre Monbeig denomina “Frente Pioneira”, a saber a fronteira de desbravamento do Oeste, a partir da qual se deslocavam geograficamente as populações e os capitais paulistas (BACELLAR, 1997, p. 134-35).

Comparando-se as Listas Nominativas de Habitantes de 1836 de Campinas com as de Itu – antigo maior centro açucareiro da província e segundo maior naquele ano – e Mogi-Mirim – maior produtor de alimentos do Quadrilátero –, percebeu-se que Campinas fugia ao padrão. Dentre os 93 engenhos contabilizados por Müller, 19 (20,43%) estavam sendo geridos por administradores, indicando que o senhor de engenho, não sendo absenteísta, possuía mais de uma propriedade rural. Em Mogi-Mirim, por exemplo, somente um (2,9%) dentre os 35 engenhos era administrado. Decerto, seria possível relativizar essas cifras, argumentando que Mogi-Mirim produzia 3,9 vezes menos açúcar que Campinas. Entretanto, a comparação com Itu sugere não haver uma relação necessária entre volume total da produção açucareira e quantidade de segundas propriedades rurais geridas por

administradores. Itu era o distrito paulista com a maior quantidade de engenhos e a terceira maior produção de açúcar. Dentre os 98 engenhos contabilizados por Müller, somente um (2,9%) era administrado.

Seria possível cogitar que essa maior quantidade de segundas propriedades rurais se devesse à expansão do cultivo de café entre os grandes senhores de engenho. Em 1836, porém, a combinação entre as culturas do açúcar e do café em Campinas acontecia no interior de uma mesma propriedade. Veja-se, por exemplo, o caso do Comendador Antônio Manoel Teixeira. Sua segunda propriedade rural (Morro Alto), possuía um engenho de serra, que complementava a produção açucareira da primeira (Cachoeira). Em ambas as propriedades, porém, foram plantados pés de café.

Ao longo da primeira metade do oitocentos, a expansão da lavoura canavieira em Campinas concentrou terras e capitais nas mãos dos senhores de engenho. Esse processo, por um lado, limitou significativamente o acesso dos pequenos produtores à terra (FRACCARO, 2018) e, por outro, aumentou drasticamente o índice de Gini do distrito (TEIXEIRA, 2011, p. 43). Analisando esses dados, Laura Fraccaro sugere que Campinas possa ter constituído um “caso peculiar” no contexto da província, “por conta da sua rápida transformação de paragem em vila exportadora”, o que a teria transformado num “campo de disputas ferozes entre senhores de engenhos e agricultores” (FRACCARO, 2018, p. 107). Acredita-se que esse monopólio de terras e capitais pelos senhores de engenho explique, em parte, alguns dos apontamentos levantados nos três itens anteriores.

Do item 1, importa resgatar os altos índices de nupcialidade entre cativos em propriedades rurais com mais de 10 escravizados. Robert Slenes contabilizou, para o ano de 1829, cifras de 60,2% entre mulheres e de 23,4% entre homens (SLENES, 1999, p. 75). A partir de uma análise das Listas Nominativas de Habitantes de Campinas, percebeu-se que, em 1836, as cifras se mantiveram em patamares semelhantes: em propriedades rurais com mais de 10 escravizados, ao menos 56,1% das mulheres e 23,4% dos homens estavam casados. Quando se atenta para os engenhos administrados, porém, os índices de nupcialidade, sobretudo para as mulheres, alteram-se sobremaneira: 84,7% entre mulheres e 25,3% entre homens (Tabela 11). A partir dessa comparação, inferiu-se que, pelo fato de engenhos administrados potencializarem a distância entre senhor de engenho e sua escravaria, a lógica de controle da mão de obra dependeria mais de mecanismos indiretos de coerção, tais como o casamento e a formação de famílias nucleares. Esses dados podem corroborar, numa dada



leitura, a tese de Manolo Florentino e José Roberto Góes, para quem os laços de parentesco eram “meta-nós”, ou seja, “o solvente imprescindível a senhores e escravos, por intermédio do qual se tecia a paz das senzalas” (FLORENTINO; GÓES, 1997, p. 37).

Do item 2, importa resgatar o fato de que a combinação entre as culturas do açúcar e do café acontecerem sempre numa mesma propriedade. Considerando-se a recorrência de segundas propriedades rurais em Campinas, seria plausível que o cultivo de café fosse realizado separadamente ao do açúcar, de modo a evitar a competição por solos e nutrientes. Entretanto, a Lista Nominativa de Habitantes de 1836 mostra que nenhuma das segundas propriedades rurais estava sendo usada para o exclusivo cultivo de café. Em sua maioria, elas funcionavam como uma extensão da indústria açucareira daquele senhor de engenho. E dentre aqueles que cultivavam somente café – normalmente pequenos proprietários de escravizados –, nenhum possuía mais que uma propriedade rural. Cogita-se, portanto, que o rápido desenvolvimento da economia açucareira em Campinas, tendo estabelecido um cenário de concentração fundiária, tenha forçado a lavoura cafeeira a se estabelecer em dois cenários relativos à indústria açucareira: ou à sua margem, em propriedades não-açucareiras e com pequenas escravarias; ou em consonância a ela, em propriedades açucareira e com grandes escravarias.

**Tabela 11 - Taxas de nupcialidade de escravizados em Campinas (1829 e 1836)**

Distrito	Taxa de nupcialidade em 1829		Taxa de nupcialidade de 1836	
	Propriedades totais		Propriedades administradas	
Campinas	Homem	Mulher	Homem	Mulher
		23,4	60,2	25,3

Fonte: SLENES, 1999, p. 75; Lista Nominativa de Habitantes. Campinas (1836)

Do item 3, deve-se resgatar os baixos índices relativos de produção de alimentos do distrito. Mogi-Mirim, por exemplo, possuía uma população escravizada muito inferior à de Campinas, e pouco representativa inclusive no cômputo de sua própria população total (14,4%; Tabela 4). Todavia, sua produção de milho era 3,6 vezes maior que a de Campinas, o que indica haver, ali, uma gama mais ampla de pequenos agricultores dedicados a essa atividade (Tabela 10). Com isso em mente, percebe-se que Campinas não contradiz a tese de Luna e Klein, de que havia uma simbiose entre a

produção de açúcar e o cultivo de alimentos. Afinal, a maior parte dos senhores de engenho também produzia alimentos. O que a grande quantidade de administradores e os baixos índices relativos de produção de alimentos mostram, antes, é que a vertiginosa expansão da lavoura canavieira em Campinas provocou, ali, uma concentração fundiária maior do que nos demais distritos do Quadrilátero!

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o argumento de Petrone, o fator que singulariza a experiência de Campinas em relação à dos demais distritos do Quadrilátero é a velocidade de expansão de seu parque produtivo açucareiro. Havendo uma relação direta entre esse rápido crescimento e a concentração fundiária – como demonstrou Fraccaro –, acredita-se que essa mesma concentração seja, em última instância, o fator que amarra todas as especificidades apontadas neste trabalho. Essa apropriação diferencial das terras e dos capitais pelos senhores de engenhos afetou Campinas em diversos aspectos, em especial os três explorados nos itens 1-3 deste trabalho.

Futuramente, pretende-se desenvolver os argumentos levantados neste trabalho em duas frentes principais:

- (i) Promover análises longitudinais, a partir das Listas Nominativas de Habitantes de 1836 dos distritos do Quadrilátero e, se possível, da província;
- (ii) Considerar os efeitos da proibição do tráfico transatlântico de escravizados, em 1831, na sociedade e economia escravistas de São Paulo, e se houve um impacto diferencial em Campinas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LISTA NOMINATIVA DE HABITANTES. CAMPINAS, 1835. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo. Repositório Digital. Disponível em [http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/macros\\_populacao/027\\_012.pdf](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/macros_populacao/027_012.pdf). Visto em: 10/03/2018.

LISTA NOMINATIVA DE HABITANTES. CAMPINAS, 1836. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo. Repositório Digital. Disponível em [http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/macros\\_populacao/027\\_013.pdf](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/macros_populacao/027_013.pdf). Visto em: 10/03/2018.

ALFONSO, Felipe Rodrigues. **A fronteira escravista entre o açúcar e o café**: Campinas, 1790-1850. Dissertação (Mestrado em História Social) – FFLCH/USP, São Paulo, 2018. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-29032018-190035/pt-br.php>.

BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. **Viver sobreviver em uma vila colonial**: Sorocaba, século XVIII e XIX. São Paulo: Fapesp/Annablume, 2001.

BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. **Os senhores da terra**: família e sistema sucessório entre os senhores de engenho do Oeste Paulista (1765-1855). Campinas: CMU/Unicamp, 1997 (Coleção Campiana, v. 13).

BASSANEZI, Maria Silva C. Beozzo (org.). **Dados demográficos**: São Paulo do passado. Vol. 1: 1836. Núcleo de Estudos de População/Unicamp, 1998. Disponível em: <http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/censos/1836.pdf>. Visto em: 10/03/2018.

FLORENTINO, Manolo; GÓES, José Roberto. **A paz das senzalas**: famílias escravas e tráfico atlântico. Rio de Janeiro, c. 1790-c.1850. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

FRACCARO, Laura Candian. **Vidas em liberdade**: pequenos agricultores e comerciantes em Campinas, 1800-1850. Dissertação (Mestrado em História Social) – IFCH/Unicamp, Campinas, 2012. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/279296/1/Fraccaro\\_LauraCandian\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/279296/1/Fraccaro_LauraCandian_M.pdf). Visto em: 24/03/2018.

LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. Observações sobre preços agrícolas em São Paulo (1798/1836). **Boletim de História Demográfica**, ano VIII, n.º 21, São Paulo, mar./2001. Disponível em: [http://historia\\_demografica.tripod.com/pesquisadores/paco/pdf-paco/ar49.pdf](http://historia_demografica.tripod.com/pesquisadores/paco/pdf-paco/ar49.pdf). Visto em: 18/03/2018.

LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. **Evolução da sociedade e economia escravista de São Paulo, de 1750 a 1850**. São Paulo: Edusp, 2005.

LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. **Slavery in Brazil**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

MELO, José Evando Vieira de. **O açúcar no café: agromanufatura açucareira e modernização em São Paulo (1850-1910)**. Tese (Doutorado em História Social) – FFLCH/USP, São Paulo, 2009. Disponível em: [http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-11062010-110407\\_pt-br.php](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-11062010-110407_pt-br.php). Visto em: 24/03/2018.

MÜLLER, Daniel Pedro. **Ensaio d'um quadro estatístico da província de São Paulo**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1978.

PETRONE, Maria Thereza Schorer. **A lavoura canavieira em São Paulo: expansão e declínio (1765-1851)**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968 (Corpo e Alma do Brasil).

PIROLA, Ricardo Figueiredo. **A conspiração escrava de Campinas, 1832: rebelião, etnicidade e família**. Dissertação (Mestrado em História Social) – IFCH/Unicamp, Campinas, 2005. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/281896/1/Pirola\\_RicardoFigueiredo\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/281896/1/Pirola_RicardoFigueiredo_M.pdf). Visto em: 24/03/2018.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo: colônia**. 17ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ROCHA, Cristiany. **A morte do senhor e o destino das famílias escravas nas partilhas**. Campinas, século XIX. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 26, n.º 52, p. 175-92, dez./2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882006000200008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882006000200008). Visto em: 14/03/2018.

SALLES, Ricardo. **E o vale era o escravo**. Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do Império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SLENES, Robert W. **Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava, Brasil Sudeste, século XIX**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

TEIXEIRA, Paulo Eduardo. **A formação das famílias livres: Campinas, 1774-1850**. São Paulo: Unesp, 2011.

\*\*\*

Artigo recebido em abril de 2019. Aprovado em outubro de 2021.